

ORGAM DA CLASSE CAIXEIRAL**DESTERRO, 14 DE FEVEREIRO DE 1886****EXPEDIENTE**

O *Mercurio* publica-se aos Domingos.

Assignatura: 500 rs. por mez. Pagamento adiantado.

A Classe Caixeiral

Queixam-se alguns dos nossos collegas de que não nos ocupamos com os interesses da respectiva classe, e, para calar essa queixa, pouco razoável e digna de attenção, esta redacção, de bom gra-
do, oferece as columnas que lhe perten-
cem áquelles Srs. caixeiros, que, sem
transpor as raias do decente, do justo,
queiram curar dos interesses da col-
lectividade de que são partes.

Sirvam-se, pois.

A redacção

MERCURIO

Desterro, 14 de Fevereiro de 1886

AO COMMERÇIO

I I

Assim é que as Indias e a Arabia foram empregando toda a sua actividade no sentido de alargar a exportação para os grandes paizes com que entretinham relações mais seguras.

As margens do Mediterraneo, como as nações do littoral, enriqueceram á custa da navegação dos portos e rios de mais reconhecido valor, e a livre permuta foi buscar a ampliação da esphera de sua accão, no estabelecimento da colonisação grega e cartagineza, que, devido á protecção que lhe vinha do esforço geral, crescia admiravelmente n'essa mesma época.

No centro d'essa metamorphose precisa, inadiável, o imperio romano muito salientou-se, por quanto constituiu-se o ponto principal em que iam ter as preciosidades mineralogicas e industriaes, taes como as perolas, os tecidos asiaticos etc.

Assim, enquanto a Italia firmava-se commercialmente, pela affluencia aos seus portos principaes, dos navios procedentes da Asia Menor, Grecia, Syria e muitos outros pontos não menos importantes; os paizes do norte davam visto à exportação e colonizavam-se ligeira e proveitosamente, de modo a adquirirem também uma collocação honrosa no catalogo das nações poderosas.

E' certo que o commercio n'esse mesmo intérin sofría em alguns lugares, devido á circunstancia de serem limitadas, e ainda assim pessimas, as vias de communicação terrestre, mas isso si actuou no não alargamento do seu circulo foi levemente, porque essa dificuldade desappareceu ante o triunfo do esforço da maioria das opiniões.

Precisamente, ao passo que a Persia não consentia que a Bulikaria fizesse-lhe concurrencia no mercado da seda, junto aos gregos, então tributarios d'aquelle, a Italia introduzia no seu territorio a amoreira e o bicho da seda, e d'est'arte a industria sericola, auxiliada pelo fabrico da lã, consolidava a riqueza publica, na patria de Dante.

Os paizes que mais depressa comprehenderam o alcance da livre permuta e da concurrencia, foram a China e o Imperio do Oriente, razão por que cabe-lhes a honra de terem, primeiro que nenhum outro, estabelecido a liberdade da transacção commercial.

Continuaremos.

Heitor Servadac.

Collaboração

~~Pauperíssima é a instrução de nossa província!~~

~~Não ha um espirito valente que a evolução á marcha progressiva do seculo, nem quem a lapide com convicção de alcançarmos um futuro glorioso, cheio de muita luz.~~

~~O atrazamento é geral em todo o orbe da província.~~

~~Não ha um futuro a esperar senão depois de muitos annos, depois de muita luta com as trevas dos espíritos acanhados de certos homens da epocha.~~

E' uma lastima o estado actual de nossa terra!

A mocidade catarinense vive em completa desharmonia intelectual; vive sem força para lutar, sem coragem para se apresentar á frente das causas que deslumbram, das causas synteticamente evolutionistas.

~~Não temos um elemento que a faça progredir e romper, como uma enorme bala, o orgulhoso peito do tempo que a fita com indifferença positiva e muito philosophica.~~

~~Não ha um meio que a faça desenvolver dessa pasmaceira de causas impossíveis.~~

Os enviados do rei caduco, desse retrógrado das nossas aspirações progressivas, esses senhores presidentes que aqui tem estado, (sem mettermos em conta o sr. Theodoroto Souto) são os primeiros a nos atrazar; muitos delles fechando escolas que bem mereciam estar eternamente abertas, roubando assim a laz intelectual da mocidade que tanto precisa.

~~Não ha uma bigorna de bronze aonde se arrume o diamante da intelligencia e um malho de ouro que o aperfeiçõe, que o lapide, que o torne scintillante como um sol na vastidão heroica e harmonica de mar.~~

Cada um cuida de si e das conveniências dos seus.

~~Não ha um braço de ferro que se erga a abrir as portas da instrução, e outro que mostre a mocidade o livro do patriotismo no deslumbrante altar da Liberdade.~~

~~Por ahi acham-se avulsos moços intelligentes, que seriam verdadeiros atletas do futuro si não houvessem para elles tanta falta de manutenção intellectual e psychologica, que são tão necessarias a vida do homem como a hygiene.~~

~~Para que serve a mocidade que não tem escolas, que nem sabem soletrar o babá da evolução do seculo?~~

De nada, philosophicamente.

Além da capital, com especialidade, ser o que é — uma cidade sem movimentação commercial, sem industria, sem arte, sem grande comopolitismo, sem grande barulho e força de sangue pulsativo e cheio de coragem patriótica, é escassa a instrução, vivendo-se assim estupidamente, sem consciencia do papel que representamos no socialismo!

~~Ali quanto é doce e procreadôra a instrução que se derrama por sobre os cerebros pequeninos e os corações ingenuos das creaturinhas, desde os filhos do pobre aos filhos dos grandes da familia dos papos de tucano.~~

~~Não se manda estudar as creaturinhas sómente para mais tarde serem bachareis.~~

O carpinteiro tambem precisa de estudos e é um homem util aos bachareis.

Muitas vezes perde-se um moço, por estudar o fogo, quando a sua vocação é de ferrar cavallos.

Esses contrastes dão-se todos os dias.

~~Abrimos a boca e com a força heróica dos nossos pulmões bem cheios de sangue fallamos alto e para todos.~~

Lança-se a vista ao largo de tudo e nada se encontra de assombroso.

E' de uma completa anarquia de pen-

samentos sem architectura a epocha em que vivemos.

Não ha uma esgrima de ideias possantes, não ha uma coragem philosophica, por ahí, por esta província á dentro.

Tudo está morto, sem sangue, sem vida, numa complicação absurda de impossibilidades.

Não é assim que se vive.

* *

Estrada de Ferro D. Pedro I

Como é feliz a província do Rio Grande do Sul, que sem grande esforço consegue do governo realizar todos os seus planos de progresso.

Já não sucede o mesmo com a de Santa Catharina, que assenta-se sobre tão soberbos alicerces, invejável pelo seu clima, banhada pelo mais fragrante mar, abundante de riquezas naturais, ilustrada e patriótica.

Como dóe o coração da gente, vel-a, tão moça, tão cheia de gracas, estorcer-se nas agonias da paralysia!

O seu estado faz-nos volver os olhos para aqueles séculos passados, e desencavarmos das ruínas em que elles sepultaram-se — Roma, a cidade infeliz e tão bella, onde o barbarismo den largas ao seu viver, e d'entre os sepulchros de seus monarcas, tirarmos o esqueleto de Caligula, homem cheio de ambição que devorou com grande sabor os thezouros do avarento Nero.

Exatamente isso sucede-se presentemente connosco, que o governo, destinado para nos proporcionar vida farta e feliz, é quem mais nos sacrifica. Todo o nosso trabalho é infructuoso, no sentido de demovê-lo a activar o progresso da província, embora mesmo levando-se-lhe ás vistas o seu historico desolador; e tudo porque nos deixamos levar pelo respeito e obediencia que prestamos á bandeira nacional.

Oh! mas esse respeito terá limites,

creia; tudo se esfia e morre, menos a nossa dignidade.

A província... continua a estrangular, já que não tem sabido aproveitar o seu patriotismo.

O seu procedimento só encontra igualdade no historico da vida de Messalina a esposa de Nero, que depois de corromper-o, semear-lhe a morte no seio !...

E não se pode ajuizal-o contrariamente porque ali estão os factos ao alcance de todos.

Dependendo d'ella resolver a construção da via ferrea, pouco zelo lhe tem merecido, e continua a não nos attender nem aceitar os pedidos que lhos vão ás mãos, particularmente.

Isto demonstra o pouco conceito que lhe merece esta província e que só presta, d'ella para encher o numero das províncias do império !

Nesta conta é que não entramos para formar parcellas, porque julgamo-nos muito mais elevados em patriotismo do que o egoísmo do estado.

*Octacilio
(Continua)*

BOMBAS E CARTUCHOS

Sentimo'-nos bastante indisposto para prosseguir mos com as nossas promettidas bombas, pois que sahimo'-nos mal com o primeiro ensaio.

E' o caso que atiremos uma bomba para um norte e ella foi explosir n'outro !

Fatal desvio !...

Queremos dizer que sendo-nos preciso refutar um palanfrório que, á descuberto, veio terir ao Mercúrio, um nosso amigo de infancia, a quem muito devemos, tomou o recado á escada, julgando-se alvo do nosso protesto, e sem mais que não, arrufou-se seriamente connosco !

Quanto escrupulo, oh céus !...

Entretanto, nada de gastar palavras, nem de encher espaço.

Si incorremos n'um crime, instaure-se-nos o respectivo processo.

Suppomos que o verdadeiro juiz—a consciencia do offendido—despronunciarnos á por não existirem aggravantes.

A guardamos, pois, o respectivo sumário, e passamos ao que serve.

Andamos a observar uma causa que de-põe altamente contra o nosso conceito de povo civilizado:—a resurreição dos malditos limões, ou laranjinhas!

Assim é que, quando saímos à rua, à noite, observamos quinhos ali, correnas acolá, tudo porque?

Por causa dos limões, objectos duplamente prejudiciais!

Sim, duplamente prejudiciais, porque um cacoado não só é sempre nocivo à saúde d'aquelle que lhe serve de alvo, visto que provoca instantaneamente a constipação, base de todos os males physiscos, como também deixa uma pessoa segundos sem respirar, horas molhada, dius derrida, quando é arremessado por um pulso vigoroso, homérico!

No entanto estas suggestões não têm o poder de sepultar para sempre esse estúpido jogo.

Ele anda ali forte como... só elle mesmo é forte!

Limões em bandejas, limões pelas mãos, limões pelo ar, finalmente, limões a dar de cacetete!

E é n'uma cidade civilizada, n'uma capital de província, que isso se observa... e são até figurões, os que maior corpo dão a essa brincadeira, tanto indigna da actualidade, do seculo em que floresce a eletricidade, quanto inimiga da saude publica!

Tal cousa é... é... nem mesmo sabemos o que é, a menos que não seja uma questão, um assumpto, que tem o direito de fazer convergir para si as vistos da autoridade competente!

Si da polícia rebentasse uma proibição terminante á venda e uso dos limões, muito, muitissimo, ganharia a sociedade desterrense.

Não queremos dizer com isso que o entrupo morreria com a decretação d'esa prohibi-

ção, não! Elle continuaria a ter muita vida, a receber muitas orações, porque a bisnaga, a serpequinha moderna, desempenharia as funções de balmista da humanidade, sem, contudo, constipá-la.

Convém saltarmos de reforma em reforma, porque a ordem é—evolucionar.

Mas lembra'mos agora:—o que fazemos nós a pregar no deserto?

Nada, é sabido, portanto liquidamos o assunto arremessando num punhalo de cartuchos aos amadores dos limões.

Visto como resolvemos mudar de ofício, não mais fabricarmos bombas para os fregueses, os leitores já se vê...

Alguém, melhor do que nós, melhor do que o Pyrro, virá desempenhar a missão ~~do cartuneiro do Mercúrio~~.

Também vieram dizer-nos que o Kercadeck e o Hector Serafidez, esse sujeitosinho que se tem mostrado lá... lá pelas janellas da sala da redacção, pelas columnas edictoriaes, accor-daram (sem que dormindo estivessem) de retirarem o seu concurso á empreza d'esta folha!

Mas, tal resolução pode com todo o direito, ir á igreja, ou á pia; si não á pia e á igreja, receber o baptismo de—inconveniência—; pois que deixando, como se vê, de mostrar conveniencia, pecca por... insensata.

Então... elles lá que se avenham, e cá o Pyrro si não continua no fabrico de bombas e cartuchos, é porque tem medo, que ~~tem~~ medo, de andar com a polvora às voltas, e viravoltas!

Nada... nada: — a primeira experiência da polvora, custou a vida do seu proprio inventor!

Tóca, pois, a retirarmo'-nos d'estas columnas.

10-2-85.

Pyrro.

Typ. da Regeneração